

## Exercícios de Literatura Literatura de Informação

### 1) (ITA-2002) A terra

Esta terra, Senhor, me parece que, da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa. [...]

Nelas até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho. [...]

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nela tudo, por bem das águas que tem.

(CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943, p. 204.)

Carta de Pero Vaz

A terra é mui graciosa,  
Tão fértil eu nunca vi.

A gente vai passear,  
No chão espeta um caniço,  
No dia seguinte nasce

Bengala de castão de oiro.

Tem goiabas, melancias,  
Banana que nem chuchu.

Quanto aos bichos, tem-nos muitos,

De plumagens mui vistosas.

Tem macaco até demais.

Diamantes tem à vontade,  
Esmeralda é para os trouxas.

Reforçai, Senhor, a arca,

Cruzados não faltarão,

Vossa perna encanareis,

Salvo o devido respeito.

Ficarei muito saudoso

Se for embora daqui.

(MENDES, Murilo. História do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 13.)

No texto de Murilo Mendes, os versos “Banana que nem chuchu”, “Tem macaco até demais” e “Esmeralda é para os trouxas” exprimem a representação literária da visão do colonizador de maneira:

- séria.
- irônica.
- ingênua.
- leal.
- revoltada.

### 2) (ITA-2002) A terra

Esta terra, Senhor, me parece que, da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa. [...]

Nelas até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho. [...]

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nela tudo, por bem das águas que tem.

(CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943, p. 204.)

Carta de Pero Vaz

A terra é mui graciosa,

Tão fértil eu nunca vi.

A gente vai passear,

No chão espeta um caniço,

No dia seguinte nasce

Bengala de castão de oiro.

Tem goiabas, melancias,

Banana que nem chuchu.

Quanto aos bichos, tem-nos muitos,

De plumagens mui vistosas.

Tem macaco até demais.

Diamantes tem à vontade,

Esmeralda é para os trouxas.

Reforçai, Senhor, a arca,

Cruzados não faltarão,

Vossa perna encanareis,

Salvo o devido respeito.

Ficarei muito saudoso

Se for embora daqui.

(MENDES, Murilo. História do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 13.)

Os dois textos anteriores, representantes de dois períodos literários distantes, revelam duas perspectivas diferentes. Indique:

- A diferença entre o texto original e o segundo, em função da descrição da terra;
- O período literário a que corresponde cada texto.

### 3) (UFBA-2002) Texto I

(...) Queira porém Vossa Alteza tomar minha ignorância por boa vontade, e creia que certamente nada porei aqui, para embelezar nem para enfeiar, mais do que vi e me pareceu. (...)

.....

(...) E logo que ele [Nicolau Coelho] começou a dirigir-se para lá, acudiram pela praia homens em grupos de dois, três, de maneira que, ao chegar ao batel à boca do rio, já ali estavam dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus,

sem coisa alguma que lhes cobrisse as suas vergonhas. Traziam nas mãos arcs e setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcs. E eles assim fizeram. CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L & PM, 1996. p. 76-7, 79.

#### Texto II

Quando a cavalgata chegou à margem da clareira, aí se passava uma cena curiosa. Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam *aimará*, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o pescoço flexível.

ALENCAR, José de. *O Guarani. Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. v. 1, p. 47.

O conteúdo desses fragmentos e das obras das quais foram retirados permite afirmar:

(01) As duas obras, produzidas em diferentes situações, cumprem diversa finalidade, apesar de focalizarem ambas o índio brasileiro.

(02) O tratamento dado pelos autores à nudez do índio - encobrendo ou expondo - corresponde ao gênero das obras e ao objetivo com que cada uma foi escrita.

(04) As duas obras revelam formas peculiares de apresentação da realidade: fidelidade e idealização.

(08) Empenhado em destacar a figura do índio e sua relação com o homem branco, Alencar, nesse livro, deixa de evidenciar o seu gosto pelo paisagismo.

(16) A Carta de Caminha ultrapassa o objetivo declarado, de relatar apenas o que viu, pois o autor acrescenta à descrição do indígena e da terra descoberta sua opinião sobre a possibilidade de exploração do ouro e de cristianização.

(32) O índio, na obra de Alencar, apesar de apresentado como leal e forte, não é caracterizado como herói, por lhe faltarem qualidades intelectuais e morais.

(64) O dilúvio, além de ser um final grandioso para a obra de Alencar, representa um desfecho romântico para o problema das incompatibilidades sociais e culturais existentes entre Ceci e Peri.

4) (Mack-2005) Os versos do texto

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima,  
te prometi em voto  
vendo-me cercado de feroz inimigo.  
Enquanto entre os Tamoios conjurados,  
pobre refém, tratava as suspiradas pazes,  
tua graça me acolheu  
em teu materno manto  
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.

José de Anchieta

- a) revelam a intenção pedagógica e moral de Anchieta, ao tratar do seu desejo de conversão dos indígenas à religião católica.
- b) documentam o cronista religioso debruçado sobre a terra e o nativo, desejando informar sobre a natureza e o homem brasileiro.
- c) são um legado da era colonial brasileira, em que se exprime a religiosidade do nativo da terra recém-descoberta.
- d) tematizam a paisagem social primitiva da colônia e demonstram a visão pragmática do jesuíta colonizador, preocupado em “dilatar a fé e o império”.
- e) expressam o sentimento religioso do apóstolo e deixam entrever uma específica experiência sua na paisagem americana.

5) (Mack-2007) Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede (...) mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. (...) Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão-lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.  
Padre Manuel da Nóbrega

O texto, escrito no Brasil colonial,

- a) pertence a um conjunto de documentos da tradição históricoliterária brasileira, cujo objetivo principal era apresentar à metrópole as características da colônia recém-descoberta.
- b) já antecipa, pelo tom grandiloquente de sua linguagem, a concepção idealizadora que os românticos brasileiros tiveram do indígena.
- c) é exemplo de produção tipicamente literária, em que o imaginário renascentista transfigura os dados de uma realidade objetiva.
- d) é exemplo característico do estilo *árcade*, na medida em que valoriza poeticamente o “bom selvagem”, motivo recorrente na literatura brasileira do século XVIII.
- e) insere-se num gênero literário específico, introduzido nas terras americanas por padres jesuítas com o objetivo de catequizar os indígenas brasileiros.

6) (Mack-2007) Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede (...) mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. (...) Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.  
Padre Manuel da Nóbrega

O texto tematiza aspecto sociocultural do Brasil, reaproveitado por Oswald de Andrade na conhecida frase Tupy or not tupy, that is the question, presente no “Manifesto antropófago”. Considerado o contexto da vanguarda brasileira do início do século XX, pode-se dizer, corretamente, que o trocadilho feito pelo escritor modernista

- a) propõe, sumariamente, a substituição dos valores da cultura européia por valores indígenas autênticos.
- b) sintetiza, de modo irreverente, uma questão polêmica acerca da construção da identidade nacional.
- c) idealiza poeticamente as origens, marcadamente indígenas, da cultura brasileira.
- d) critica, de forma irônica, a valorização da cultura indígena presente em obras de muitos intelectuais da época.
- e) contesta, com humor, a miscigenação que caracteriza a etnia do brasileiro.

## GABARITO

1) Alternativa: B

2) a) Pero Vaz de Caminha descreve a terra em função de suas propriedades geográficas, tais como clima, tipo de plantas, extensão territorial, etc. Nessa descrição, percebe-se certo deslumbramento diante da terra desconhecida. Na paródia de Murilo Mendes à *Carta* de Caminha, há uma descrição marcada pela ironia e pelo espírito crítico, evidente na crítica que faz aos colonizadores preocupados apenas com a obtenção de riquezas fáceis.

b) O texto de Pero Vaz de Caminha pertence ao período conhecido como **Literatura de Informação**. O poema de Murilo Mendes é um típico exemplo do **Modernismo**.

3) Resposta: 59

4) Alternativa: E

5) Alternativa: A

6) Alternativa: B